

NEGROS E "CARENTES" : POR QUE NÃO A FILOSOFIA?

Os movimentos sociais organizados centram em si demandas de grupos sociais ou mesmo, classes, que encaminham em comum, ou não (dentro de diversas limitações) uma luta de contraposição aos poderes estabelecidos.

No contexto da derrocada do mundo capitalista (vide "Clube dos Sete"), as construções que se querem coletivas, configuram-se como a plataforma básica de uma ordem efetivamente pluridemocrática, advinda do enfoque pluralista qualificado. Ao ler-se o texto econômico-social do "Clube dos Sete", ou seja, dos sete países capitalistas mais ricos do mundo, visualizamos o quanto carece de organização coletiva as ações que se querem transformadoras e que são grávidas dessa crise; visto que algumas destas não apresentam propostas de gestão alternativa, apresentando-se em uma projeção de mera resistência. Inseridos no modo de produção capitalista onde as leis do mercado imperam sobre toda atividade humana, essas ações que originariamente partem dos setores sociais materialmente decadentes, emergem um corpo de conhecimentos que, sistematizados, apresentam-se como uma estratégia de contra-poder. Pensamos que o Pré-Vestibular seja uma dessas instâncias.

Por sofrermos de alguma carência e por não termos um claro conceito da mesma, temos um sério compromisso para com esse coletivo social, negros e "carentes". Quando dizemos uma origem social não-definida, pensamos que hoje no mundo cotidianamente científico não podemos definir efetivamente o que seja classe (de negros, de carentes), ou seja, certos paradigmas que vêm carregados pelos postulados deterministas não dão conta do real que protagonizamos. Carecemos de uma Teoria Social da ação dos indivíduos e suas determinações de classe (vide a Teoria dos Jogos e o Individualismo Metodológico defendido por John Elster); talvez precisemos de uma nova linguagem.

A categoria primeiro/segundo/terceiro mundo está deveras desgastada em razão do próprio avanço (?) das relações humanas, ou mesmo (no mundo científico), da crise da racionalidade que vem "derrubando" propósitos deterministas (vide Lei de Newton), protagonizando um estatuto do CAOS frente ao pensamento científico e fazendo dos FRACTAIS sua viabilização visual-estética nos anos 90, levantando a questão: o que é o centro? Não queremos aqui dizer um não ao conhecimento científico já produzido, mas necessitamos repensar a produção do conhecimento que, no mundo ocidental, vem sendo fortemente regido pelas idéias Kantianas (paz perpétua) e pela dialética Hegeliana; isso dentro dos patamares já coadunados com postulados "ditos" transformadores.

O pensamento dialético (Marxista) apresenta uma idéia de superação que não foge do círculo da metafísica ocidental, (apesar de materialista), ou seja, essa idéia vai de encontro ao sentido humano do desejo referido a outro desejo; se retomarmos a questão de Epicuro que coloca: "desejamos aquilo que não desejamos"; como poderíamos superar um desejo "ilusório", apelando para o virtual? Ora, a produção da subjetividade no mundo capitalista atende ao processo de diferenciação de classes, apesar da não-creticidade-a nosso ver-do conceito, se fazemos parte de um movimento social organizado, como poderíamos tentar mover um processo de contraprodução, onde o essencial seria a autogestão dos sujeitos históricos? Há os que defendem que a contraprodução da subjetividade só se dá através da arte. Nós somos um desses; retomando Fernando Pessoa, diríamos "a metafísica nasceu de uma dor de barriga".

Um dos movimentos que poderíamos começar a realizar seria o processo de des-sacralização de ídolos, que, como Nietzsche, a "golpes de martelo" dessacralizou vários ídolos. É nesse processo de construção de ídolos que os "bons" e os "justos" crucificam aqueles que trazem novos valores. Temos que pensar a superação como mantenedora da contradição e não a superação da contradição proposta pela dialética hegeliana que "pressu-riza" a contradição em busca de uma hegemonia, ou seja, não há a verdade, mas sim, verdades; ou mesmo, não-verdades.

Consolida-se (?) o MERCOSUL, cria-se o NAFTA (Mercado de Livre Comércio); busca de soluções econômico-sociais? Ou mesmo um fortalecimento de grande potências com o objetivo de se construir uma polipolaridade ditado por um império, com o fim da bipolaridade soviético-americana?

Assistimos à organização européia guiada pela política franco-alemã de totalização do "Velho Mundo". Criação do "Clube dos Dez" sem a presença dos EUA e Japão?

A cada segundo de nossa existência perpassam avanços científico-tecnológicos que não se configuram no avanço da qualidade de vida no planeta. Enquanto vemos nos noticiários as previsões sobre o superávit da balança comercial brasileira, visualizamos o superávit da miséria; nesse ínterim, a TV exibe os soberbos clarões dos mísseis americanos atacando Bagdá e indo parar no peito da sociedade civil; americanos sorriem face à efetividade de suas missões; Ruanda entra em extinção; em Angola massacram-se civis; no Peru, os enviados da "revolução permanente" do Sendero Luminoso padecem com a ridicularização pública de seu líder: o homem cada vez mais torna-se o "cão de Pavlov", produz sua própria miséria.

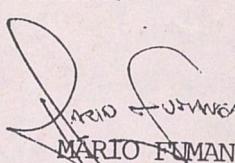
O mundo ocidental vai caindo aos pés dos "Tigres Asiáticos" e, no caminhar da contradição do avanço capitalista, culturas milenares vão se deteriorando frente à concorrência do mercado internacional. São essas algumas das faces de nosso planeta.

Somos negros e carentes sim! somos sujeitos e atores de um grande projeto sem o banalismo da "mídia do pelourinho"; nesse caminhar que se quer coletivo, tentamos pensar/construir um contrapoder que, ao menos, tente definir um novo projeto de sociedade. O Pré-Vestibular para negros e carentes pode e deve tornar-se um desses contrapoderes. Ainda não o é (?), talvez, por falta de uma articulação mais precisa dos conhecimentos produzidos. Face a isso, propomos o acréscimo da disciplina FILOSOFIA no projeto, que, pensamos seja uma instância dentro do mesmo que articule os conhecimentos acumulados por seus militantes, coletivizando-os, independentemente de suas convicções político-partidária-filosófica; mas não defendemos que seja essa a instância privilegiada.

Quando elucidamos essa idéia não queremos impô-la, mas sim, torná-la mais "palpável" possível quanto ao seu funcionamento e tentar combater a burocratização, um perigo a que qualquer fórum organizado está exposto. Temos que abusar contra o poder, pois como diz Glauco Matoso: "não existe abuso de poder, o poder já é um abuso". Portanto, pensamos que a FILOSOFIA não deva ser apenas tematizada, mas sim, colocada como disciplina.

Cremos que esses aforismos possam vir a ser um qualificador da importância da FILOSOFIA no projeto e partirmos para uma instrumentalização política-filosófica mais aprimorada do estudante do Pré, consequentemente, dos sujeitos-atores do projeto, quer sejam estes, sujeitos históricos.

A idéia aí está, cabe sua discussão e enriquecimento.

  
MARIO FUMANGA  
DUQUE DE CAXIAS